

Crises em série e covid elevam o desemprego entre os jovens

[valor.globo.com./brasil/noticia/2020/06/15/crises-em-serie-e-covid-elevam-o-desemprego-entre-os-jovens.ghtml](https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/06/15/crises-em-serie-e-covid-elevam-o-desemprego-entre-os-jovens.ghtml)



Breno Souto: renda a zero e esperança de voltar a trabalhar como motorista — Foto: Leo Pinheiro/Valor

Se a primeira crise a gente nunca esquece, a atual geração de jovens terá ao menos duas grandes recessões para lembrar, num período de apenas sete anos, além de um impeachment presidencial e uma pandemia global. Essa sucessão de crises produziu

duros impactos no mercado de trabalho. Depois de quase dobrar no período de 2014 a 2018, a taxa de desemprego de jovens de 14 a 25 anos deverá atingir níveis recordes nos próximos meses.

Dados levantados pela LCA Consultores, a partir de pesquisas do IBGE, mostram que o ciclo de piora do emprego entre jovens começou em 2014, com a recessão provocada pela crise fiscal. A taxa de desemprego da população de 14 a 25 anos saltou de 14,5% no quarto trimestre de 2014 para 26% no quarto trimestre de 2018, quando atingia 5,4 milhões de pessoas.

Geração crise

Desemprego entre jovens caminha para novo recorde

■ Taxa de desocupação de jovens de 14 a 25 anos* - Em %



Fonte: LCA e IBGE *Projeção LCA a partir do 2º trimestre de 2020

5,1 milhões

de pessoas de 14 a 24 anos estavam desempregadas no 1º trimestre de 2020

101%

foi o crescimento do número de jovens desempregados desde o 4º trimestre de 2013

Desde então, o mercado andou de lado para os mais jovens. Agora, a pandemia provoca uma nova onda de demissões. Nas projeções da LCA, a taxa de desemprego dos jovens deve crescer para 38,8% no terceiro trimestre deste ano, de 27,7% no primeiro trimestre. Se a projeção se confirmar, 7,9 milhões de pessoas de 14 a 25 anos estarão em busca de trabalho no terceiro trimestre, bem acima dos atuais 5,5 milhões atuais.

Breno Rodrigues Souto, de 21 anos, é um dos atuais 5,5 milhões de jovens na faixa de 14 a 25 anos em busca de trabalho. Estudante de letras na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), ele atuava como motorista por aplicativo até recentemente, quando o isolamento social fez desaparecer a clientela. Sua renda na faixa de R\$ 1,5 mil mensais, que excluía os gastos com o carro, foi a zero em poucos dias.

O trabalho por aplicativo já era resultado de uma sucessão de crises do país. Quando tinha 19 anos e cursava ensino técnico de design de jogos no sistema Sesi/Senai, Breno tentou seu primeiro emprego formal na área, mas não teve sucesso. “O mercado não estava em alta”, diz. Ele que tentou ainda vagas no setor imobiliário e em lojas no ano passado, antes de recorrer ao serviço de motorista.

Hoje Breno se divide entre as casas da tia e da mãe, ambas no município de Maricá, região metropolitana do Rio. Sempre que possível, a família ajuda nas despesas. Recentemente, passou a receber o auxílio emergencial de R\$ 600 do governo. O quadro

não permite muito otimismo. “Eu acho que a situação do mercado de trabalho não vai melhorar”, diz o estudante, que pretende voltar a ser motorista de aplicativo assim que a crise arrefecer.

Economista da LCA Consultores e autor dos cálculos, Cosmo Donato explica que o desemprego vai crescer para todas as faixas etárias nos próximos meses, mas acaba por atingir mais duramente a parcela jovem dos trabalhadores. Por terem menos tempo de empresa e menores salários, oferecem menor custo de demissão. São também, na média, menos experientes e qualificados profissionalmente.

“O país já tem um grande estoque de pessoas qualificadas e sem emprego por causa do biênio de recessão de 2015 e 2016”, explica Donato. “São pessoas que estão há bastante tempo em busca de emprego e dispostas a trabalhar ganhando menos. Os jovens terão que disputar com elas um espaço. O fato de vivermos crises cumulativas na economia e no mercado de trabalho só aumenta esse problema”.

O economista José Márcio Camargo alerta que elevado desemprego vai carregar efeitos negativos para o longo prazo. A sequência de crises e a consequente demora para obter uma vaga reduzem o capital humano dos trabalhadores: “Essa perda de capital humano dificulta a transição para o mercado de trabalho. Quando conseguir emprego, a vaga será de menor renda e menos estabilidade, com reflexo na produtividade”, diz o especialista.

Camargo lembra que outras gerações também tiveram seu desafios. Os jovens dos anos 80 viveram sob a combinação de recessão com hiperinflação, que foi derrotada apenas com a implementação do Plano Real, em 1994. De meados dos anos 90 até o início da década de 2010, o Brasil viveu um período raro de crescimento, redução de desigualdades e mais oportunidades.

“O momento atual é complicado, com duas recessões e baixo crescimento no meio. Acho que o saldo dessa geração ainda não está dado, vai depender de como será a retomada da economia”, lembra o economista.

Camargo defende a redução do custo trabalhista da contratação dos jovens no pós-pandemia, para incentivar o primeiro emprego. Editada pelo governo federal em novembro do ano passado, a Medida Provisória 905, que criou o Programa Verde e Amarelo, com foco em facilitar a contratação de jovens de 18 a 20 anos, perdeu validade antes de ser aprovada pelo Congresso. “Será preciso reeditar algo semelhante”, afirma.

Diretor da FGV Social, Marcelo Neri acrescenta que os jovens formam a parcela menos vulnerável do sintoma da covid-19, embora não sejam totalmente imunes. Apesar disso, têm sido os mais afetados pelas consequências das medidas de isolamento no mercado de trabalho. Para ele, contudo, o “novo normal” do pós-pandemia pode ter características positivas para se reinserir no mercado, além da melhor escolaridade.

“O jovem tem mais facilidade de lidar com a tecnologia da informação, que vai ser tornar mais importante a partir de agora, herança das medidas de isolamento. É mais

nativo da tecnologia, mais incluídos digitalmente”, diz Neri, para quem o aspecto negativo do “novo normal” seria a redução da circulação e mobilidade, o que considera uma característica da parcela mais jovem dos brasileiros.